



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13322 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MEMÓRIAS DE SAPATÃS PROFESSORAS DE CRIANÇAS

Anamaria Ladeira Pereira - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Camila Santos Pereira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fernando Altair Pocahy - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MEMÓRIAS DE SAPATÃS PROFESSORAS DE CRIANÇAS

Resumo: A investigação em tela, centrada em professoras lésbicas/sapatãs que lecionam em turmas de crianças, buscou tensionar a inquietação em torno de cobranças que recaem, especificamente, sobre essas docentes. As narrativas de si e seus desdobramentos, por meio de conversas, configuraram a base do *método cartográfico interseccional inventivo*. Este baseou-se em um roteiro mínimo, como ponto de apoio, e no diálogo livre com mulheres dissidentes sexuais, com uma expressão de gênero destoante da socialmente esperada, docentes da educação infantil e dos anos iniciais. Memórias de silenciamentos, violências cotidianas e assédio moral, no ambiente de trabalho, foram compartilhadas. A dissertação sinaliza situações nas quais as desigualdades se tornaram mais pronunciadas, comprometendo a saúde mental e física das professoras. Seu alicerce firma-se na teoria queer, em estudos feministas, pós-estruturalistas, estudos da memória e das lesbianidades, especialmente os desenvolvidos por intelectuais negras e decoloniais. A interseccionalidade, importante conceito criado pelo feminismo negro, permeia o trabalho como um todo.

Palavras-chave: Professoras de crianças, professoras lésbicas, memórias, dissidências, lesbofobia.

A análise em tela deriva de uma dissertação de mestrado motivada pelo incômodo diante da ausência de pesquisas, na área da Educação, que relacionem a imposição do modelo

da *professorinha* à sexualidade, raça, classe e geração. Centrada em professoras lésbicas que lecionam em turmas de crianças, a investigação buscou tensionar as cobranças que recaem, especificamente, sobre essas docentes. Constantes e diárias, tais exigências muitas vezes parecem ignoradas em teses e dissertações desenvolvidas na área, como se se tratasse de fenômenos naturais acerca dos quais não há o que problematizar. Inclusive, entre os escassos trabalhos que tangenciam a temática, há alguns que enaltecem a figura da *professorinha*, como um *verdadeiro modelo* a ser seguido, selo de qualidade e fidelidade do ensino e de seus valores morais. Elementos que fortalecem as tramas do sexismo e da misoginia, altamente adoecedores.

Ao longo dos séculos e até hoje, foram e são exigidas dessas profissionais posturas de *segunda mãe*, de *tia*, de alguém cujo ofício se firma na *vocação*, o que eleva a negligência sobre os baixos salários e as péssimas condições. Como se não existissem todas as dificuldades que enfrentam em seu cotidiano, essas professoras são vistas, em nossa sociedade, como pessoas que devem *abraçar a sua missão*, não sendo algo adequado deixar *suas crianças* para lutar por uma carga horária menor e turmas com uma quantidade razoável de estudantes. Vale questionar como a obrigatoriedade de cumprir um papel de “exemplo para as novas gerações” afeta o trabalho e a vida dessas professoras.

Sendo as crianças, em geral, curiosas e perguntadoras, e as outras docentes e funcionárias da escola, também, é necessário saber “lidar com flexibilidade e 'jogo de cintura' (...) pois é bastante comum que o grupo faça perguntas sobre a sexualidade d[a]s educador[a]s” (BOHM; DORNELLES, 2007, p.72). Sobretudo, as dissidentes sexuais que, em nossa sociedade lesbofóbica, são consideradas *desviantes* do suposto caminho certo a ser seguido por uma *mulher decente*. O que ocorre com as professoras que vão de encontro ao pacto cisheterossexual da *normalidade* esperada em sua função ou que subvertem o conceito de Brunetto (2017) de “docência-decente”? Em outras palavras, de que maneiras as lésbicas com uma expressão de gênero destoante da socialmente esperada, as sapatãs, apontadas como *erradas*, podem ocupar um cargo que se pressupõe associado ao ensinamento dos acertos e dos erros mais elementares e mais básicos?

Nessa perspectiva, diversas exigências as constroem, com intensidade diferenciada das exigências que cerceiam professoras de outros níveis de ensino. Modos de se expressar, tons de voz, cortes de cabelo, trajes, comportamentos, adereços e, inclusive, a vida pessoal, permanecem constantemente vigiados, dentro e *fora* do ambiente escolar. As vivências dessas docentes, em vez de permanecer à margem de outros temas, demanda mais espaço nas pesquisas acadêmicas, na área da Educação. Como apontado por Vianna e Carvalho (2020, p.79): “em relação a docentes LGBT, e, mais particularmente, sobre docentes lésbicas, especialmente no Brasil, as pesquisas ainda são incipientes”. Aqui, há o cuidado de acompanhar estudiosas e ativistas da educação e feminismos para que se leve em consideração a visibilidade ainda menor das professoras lésbicas/sapatãs com mais de cinquenta anos, que permanecem, há décadas, em atividade em sala de aula, com crianças e pré-adolescentes. Cisheterossexismo, machismo, racismo e etarismo estão completamente

imbricados; as análises aqui apresentadas (em associação a outros estudos do interior do GT 23) evidenciam isso.

No intuito de romper com o pacto de invisibilizar determinados corpos e histórias, foi desenvolvida a dissertação, na qual este resumo se baseia, buscando prioritariamente ouvir as professoras. Um grande desafio, visto que suas histórias raramente são reconhecidas, como se essas mulheres sequer existissem; corpos que escapam às normas, que deslizam (LOURO, 2003). Tal interlocução produziu um espaço seguro no qual as dores puderam ser divididas e posicionamentos reavaliados. Escuta tão intensa derivou na opção de transcrever longos trechos de falas das professoras, de modo que os saberes-fazeres delas compõem o plano da teorização, reposicionando-as no jogo da produção do conhecimento, não como objeto, mas como sujeitos de enunciação teórica e epistemológica.

O alicerce da investigação firma-se na teoria queer, em estudos feministas, pós-estruturalistas, estudos da memória e das lesbianidades, especialmente os desenvolvidos por intelectuais negras e decoloniais; sendo parte essencial a interseccionalidade, importante conceito criado pelo feminismo negro. Pretende-se chamar a atenção, com apoio de extensa pesquisa bibliográfica, para a necessidade de criar novas memórias, desejando contribuir com a preservação das “memórias das existências lésbicas” (PORTINARI, 2021, p.3). Nesse sentido, se estabelecem conversas com duas professoras, uma negra e uma branca, Celina e Adélia (nomes fictícios), na faixa dos cinquenta anos. Uma doutora e uma mestra, ambas em Educação, que atuavam em sala de aula com crianças, havia décadas, e que guardavam diversas histórias de silenciamentos e segregações motivados pela discriminação de colegas de profissão.

Como justificativa, compreende-se que é preciso expressar que lésbicas/sapatãs professoras de crianças existem. Sim, “existimos e, justamente por isso, aprendemos, ensinamos, escrevemos e temos conhecimento acumulado, produzido e sendo justificadamente legitimado” (AUAD; ROSENO, 2021, p.64214). Com o objetivo geral de confrontar o que é tido como certo, unívoco (em relação a professoras de crianças, mas não apenas), a pesquisa se inicia com o ato de suspeitar de determinadas práticas estabelecidas e procura analisar as tentativas de fixar e conduzir as condutas, os movimentos que intentam marcar a diferença, de modo a poder governar (FOUCAULT, 1995). Entre os objetivos específicos, destaca-se a dedicação em mapear as teses, as dissertações e os artigos, em âmbito nacional, nos quais o protagonismo de professoras lésbicas, bissexuais ou de sexualidades dissidentes em geral, fosse o *tema principal*. De fato, não nos interessaram trabalhos que entendem as lésbicas/sapatãs como versão feminina da homossexualidade masculina.

Quanto às ferramentas teórico-metodológicas, parte-se do princípio de que afirmações, em uma pesquisa, são contingentes, provisórias, implicadas, interessadas. Lembrando que “a nossa posição singular dentro desse sistema é questionar suas pressuposições mais caras e mudá-las radicalmente, não apenas cooptá-las e fazer com que nos sirvam” (LORDE, 2020,

p.47). Assim sendo, pauta-se a inexistência de uma verdade estanque e mais apropriada que as outras, trabalhando com a noção de “verdades contexto-dependentes” (MEYER, 2012, p.54). Faz parte de escolhas ético-estético-político-metodológicas, baseadas em reflexões individuais e coletivas, (ad)mirar, especialmente, a corporalidade, a gestualidade, o vocabulário, para investigar como os sentidos são produzidos e de que forma são compartilhados, a fim de produzir essas *verdades* que circulam por aí como as únicas possíveis. A teoria, nessa perspectiva, também é uma prática de reflexividade organizada.

A opção pelas narrativas de si e seus desdobramentos tornou os encontros com as interlocutoras da pesquisa um dos pontos mais relevantes do que se configurou como o método *cartográfico interseccional inventivo*. Este fundamenta-se no posicionamento de que “ser uma pessoa 'de dentro' produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos” (KILOMBA, 2019, p.83). Desenvolveram-se, então, conversas com base em um roteiro mínimo, como ponto de apoio, e recheadas apenas de dedicação à escuta e à partilha de vivências. Assim, fluíram, livremente, conversas em feitiço de narrativas, com situações que demandaram um sofrimento desmedido para serem analisadas, tamanha a visceralidade com que foram expostas. As entranhas de docentes sapatãs acossadas por perseguições e abusos de poder, por tanto tempo lidos, por elas mesmas, apenas como “implicância”, encharcaram as páginas.

A lesbofobia, como “o racismo não é um acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão [...]” (KILOMBA, 2019, p.85). Desse modo, o foco manteve-se na análise de episódios em que agressões diretas ou “sutis” são descritas em detalhes. Como quando Celina conta um dos ataques que sofreu na escola em que trabalhava: “*A pessoa quando quer acabar com a outra, ela chama de viadinho, de sapata. É a primeira coisa. Ou de macaco. Ela poderia ter me chamado de macaca, já que estávamos lidando com isso [com agressões], mas, não, ela foi me atacar na questão da minha sexualidade, da minha orientação, que, até então, era privado, era minha relação privada, ninguém tem nada a ver com isso [...]*”. A situação narrada por Celina trata de processos que hierarquizam os modos de vida, ao impor quem outra pessoa deve ser. Violências disfarçadas de *é a minha opinião pessoal* acabam forçando pessoas dissidentes sexuais e de gênero à posição de ter de encontrar maneiras de lidar com as ameaças recebidas como se fossem algo menos opressivo, para não sucumbir.

Sobre o começo de sua atuação na educação infantil, há mais de três décadas, Adélia, que hoje usa o termo “sapatã” para identificar-se e inspirou o título deste trabalho, comenta: “*No início da minha carreira, eu tentei esconder muuuuito, era um desespero eu imaginar que alguém pudesse pensar que eu era sapatã, muito desesperada eu ficava...*”. Com o avanço das ofensivas antigênero e o sentimento de vigilância sobre seu corpo e seu comportamento, várias docentes, atualmente, vivem desesperos similares, o que nos informa sobre importantes desafios ético-políticos para o campo educacional. Em vez de haver o desejo de descobrir como elas reagem à lesbofobia, há o desejo de que as interlocutoras possam contar o que a

lesbofobia tem causado em suas trajetórias profissionais. Grada Kilomba ensina que “a pergunta: 'O que o incidente fez com você?' é bastante libertadora, pois ela abre espaço para o que foi negado” (2019, p.227). Sim, é preciso abrir espaço para o que foi e segue sendo negado, espaço para perguntar: O que os incidentes de racismo e lesbofobia combinados fizeram com Celina? Ela conta: “*Eu passei a vida toda num silêncio... Silêncio ou segregação? Ou você vive esse silêncio ou você vive essa segregação, essa situação sempre muito de embates. No meu caso, sempre foi esse silêncio*”.

O maior interesse e o mais ousado, a permear cada iniciativa necessária para levar adiante a pesquisa, foi o de “impedir o esquecimento pelo testemunho do insustentável” (POLLAK, 1989, p.11). Nesse compasso, que haja cada vez mais investigações sobre e com as lesbianidades, desenvolvidas por autoras lésbicas e dissidentes sexuais, debelando a enorme falta de protagonismo discursivo de mulheres de sexualidades dissidentes, expondo o insustentável para que não seja invisibilizado nem esquecido. Em suma, na dissertação em questão foram sinalizados momentos nos quais as desigualdades se tornaram mais pronunciadas, comprometendo a saúde mental e física das professoras participantes. E se é obrigatório, em incontáveis ocasiões, calar a boca para preservar a pele, sempre chega a hora do grito. As corporeidades contundentes das docentes dissidentes, em sua lida cotidiana, seguem em movimento. E não estamos sós.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela; ROSENO, Camila. Professoras, feministas e lésbicas: Um continuum de saberes na educação básica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.6, p. 64209-64231 jun. 2021.
- BOHM, Alessandra; DORNELLES, Priscila. **Repercussões docentes: a produtividade do “educando”**. Dossiê Educando para a diversidade. Organização: Elisiane Pasini. Realização nuances: grupo pela livre expressão sexual. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- BRUNETTO, Dayana. **Docências trans***: entre a decência e a abjeção. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L. (org). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. RJ: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: Escritos reunidos e inéditos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LOURO, Guacira. Corpos que escapam. **Estudos feministas**, v. 4, n. 4, p. 1-7, 2003.
- MEYER, Dagmar. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e

gênero: perspectiva metodológica. In: **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. (Orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

PORTINARI, Denise. No tempo do Gaivota: memórias e visibilidades lésbicas no Rio de Janeiro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021.

VIANNA, Claudia; CARVALHO, Tatiana. Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. Belo Horizonte. Vol. 12, no. 24 (p. 77-90) 31 ago. 2020.